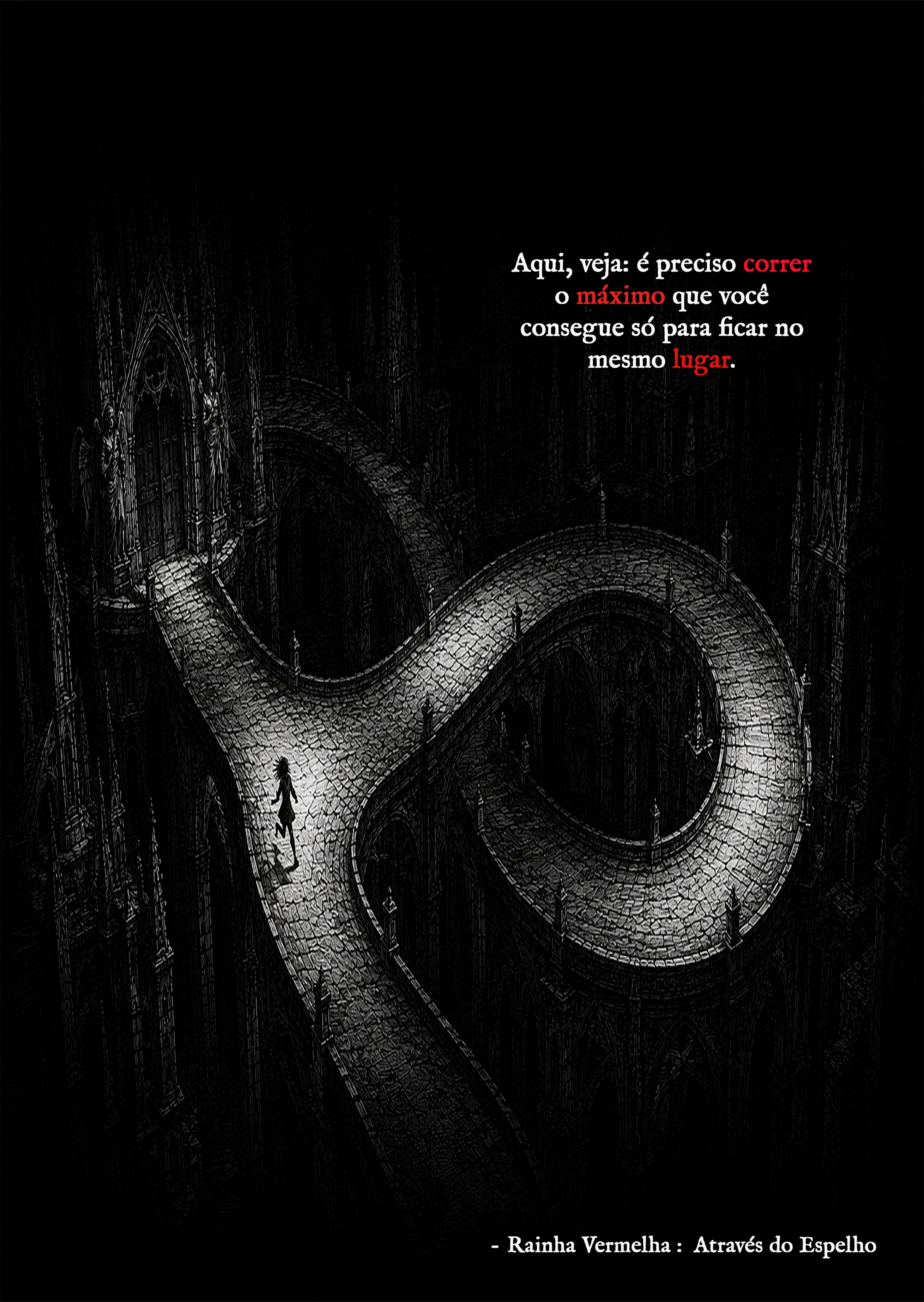




Aqui, veja: é preciso **correr**  
o **máximo** que você  
consegue só para ficar no  
mesmo **lugar**.

- Rainha Vermelha : Através do Espelho



Fico um tempo à janela. A cidade  
lá fora finge estar viva.



Minha mente  
ainda volta pra  
Lucca. No jeito  
como ela tenta  
parecer inteira,  
mas está  
arrasada em me  
ver assim. No  
olhar que espera  
que eu melhore  
— ou desabe.



VÁ EMBORA....

E aí vem a sensação.  
Aquela familiar. Um  
estalo na espinha:  
eu já estive onde  
ela está. É a minha  
voz, ou a de  
Augusto? Ou ambas?





SÃO PAULO, 2006

Ele já estava na Mansão  
quando cheguei.

As mãos — aquelas mãos de poeta — estavam  
deformadas. Encarquilhadas, imóveis.  
Não havia mais caneta. Nem verso. Só  
silêncio.







E os olhos... não eram  
mais dele. Ou talvez  
fossem. E isso fosse o  
pior.

Mahara fez isso com ele  
primeiro. E agora foi a  
minha vez.

Tentei falar.  
Tentei  
tocá-lo. Mas  
era como  
tentar  
alcançar  
alguém  
afogado — só  
que você é  
quem está  
debaixo  
d'água.



Vá  
embora. Por favor.  
Eu destruo tudo que  
fica.



E eu fui.



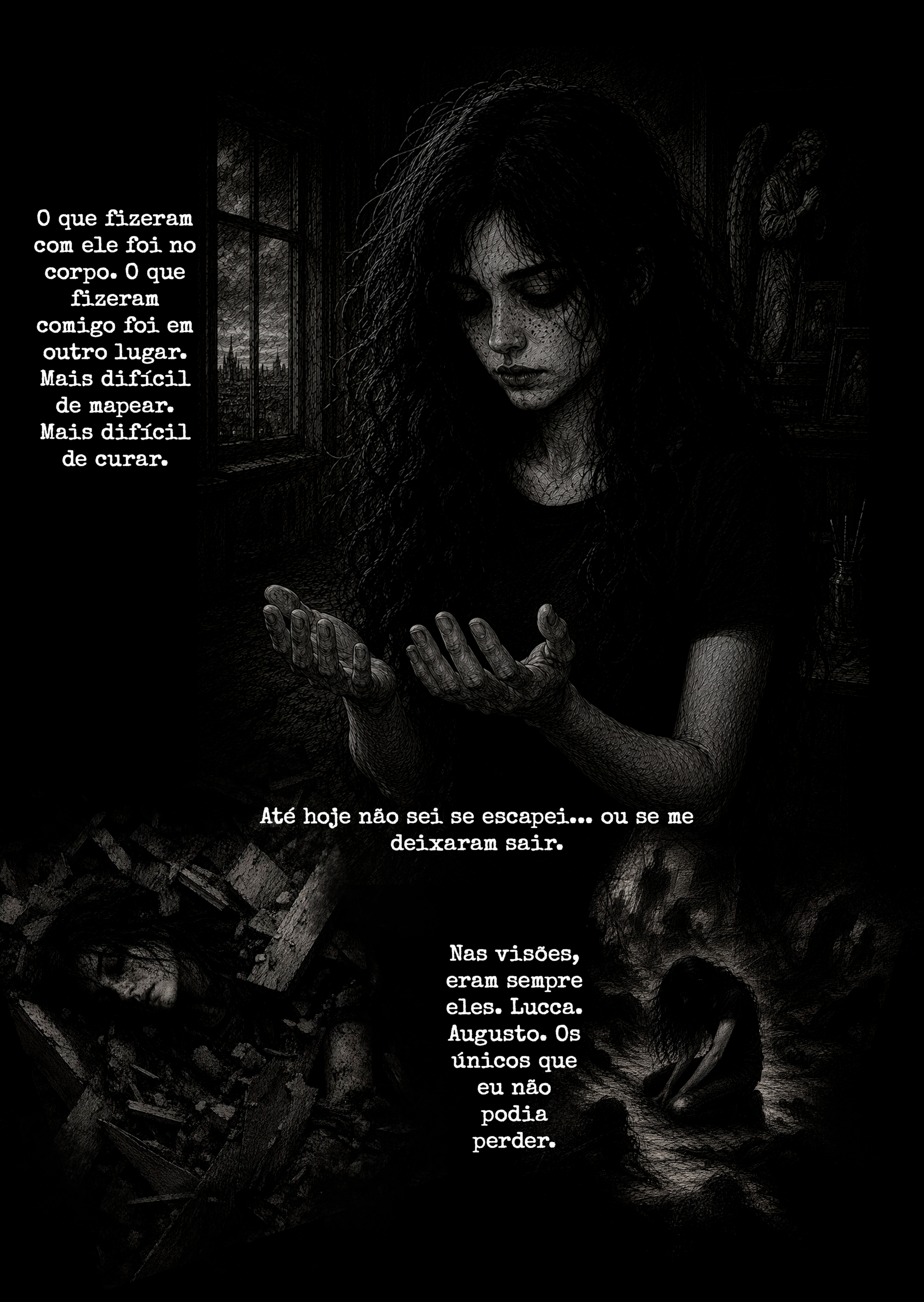
Doeu ouvir. Mas o que dói agora, de verdade... é perceber que eu disse isso também. Disse a Lucca. Com a mesma intenção. Com o mesmo medo.

Eu me afastei dela como Augusto se afastou de mim. O ciclo se repete.

Mas diferente de mim, ela ficou. Estava lá quando eu acordei. Viu o horror nos meus olhos. Não fugiu. Ela encarou de volta.







O que fizeram  
com ele foi no  
corpo. O que  
fizeram  
comigo foi em  
outro lugar.  
Mais difícil  
de mapear.  
Mais difícil  
de curar.

Até hoje não sei se escapei... ou se me  
deixaram sair.

Nas visões,  
eram sempre  
eles. Lucca.  
Augusto. Os  
únicos que  
eu não  
podia  
perder.